

Encontro Internacional

FRONTEIRAS E TOPOGRAFIAS DO PODER

Culturas de raia e economias possíveis, entre discursos e práticas



15 e 16 de MARÇO

NOVA FCSH | Auditório 1 e Sala Multiusos 2

PROGRAMA

O objectivo deste Encontro Internacional é partilhar o conhecimento produzido em vários projectos científicos levados a cabo na última década, que serviram para formar investigadores e divulgar os resultados das suas investigações em publicações que circulam no âmbito académico e fora dele. Constitui, portanto, o final de um caminho e uma abertura para novos modos de ver as fronteiras. Num longo passado, as populações que habitaram as fronteiras integraram redes informais, que competiam com o campo de actuação estatal, e desenvolveram modos de vida que incorporam identificações contraditórias, expressas numa vida local com uma mistura de traços culturais delineados de um e de outro lado da fronteira. A fronteira tem uma dimensão associada aos fluxos que a cruzam, dolorosos ou fruídos, entre o refúgio e o turismo, e remetem para culturas de orla, que enquadram o escapismo e a luta contra os Estados. As construções políticas e culturais centradas nos limites remeteram para a relação entre centros e periferias, assente em realidades complexas e multidimensionadas, que se articulam de forma diversa no espaço e no tempo, assumindo características específicas nos terrenos coloniais. O campo relacional fronteiriço, que compreende um conjunto de laços em que a economia local e as sociabilidades geradas se desenvolveram numa zona de influência complexa, comporta modos de vida que inserem a transgressão na rotina, em que a definição de uma identificação nacional integra um processo social contínuo de delimitação conjuntural dos amigos e dos inimigos. Os Estados-nação da modernidade dotaram-se de um conjunto de mecanismos destinados a garantir a sobreposição da lealdade a um centro, relativamente a outras mais localizadas. Por outro lado, as populações fronteiriças responderam com um conjunto de práticas possíveis, delineadas frequentemente a partir de uma cultura de resistência aos centros de poder. Desses cruzamentos, nas fronteiras ibéricas e em diálogo com outras fronteiras mundiais, fará eco este Encontro, que juntará em Lisboa investigadores que, de modo disperso, têm trabalhado sobre o tema.

15 de Março – Auditório 1 (Torre B)

9.30 – Recepção aos participantes

Painel I - Falas da fronteira: culturas raianas e línguas em contacto

10.00 - Xosé Afonso Álvarez (*Universidad de Alcalá*), "Cultura raiana: uma visão desde a documentação linguística".

10.20 - Fernando Brissos (Universidade de Lisboa), "Fronteira política e história da língua: o caso do sueste da Beira / noroeste da Extremadura espanhola".

10.40 - Juan M. Carrasco González (*Universidad de Extremadura*), "Variedades fronteiriças entre Espanha e Portugal".

11.00 – Maria Filomena Gonçalves (CIDEHUS - Universidade de Évora) e María Victoria Navas (*Universidad Complutense de Madrid* e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), "O barranquenho, língua de contacto: caracterização e problemas actuais".

11.20 – Debate

11.40 - Pausa / Café

12.00 - Conferência: Heriberto Cairo Carou (*Universidad Complutense de Madrid*), "Procesos de identificación y transfronterización en la raya ibérica".

12.40 - Debate

13.00 - Almoço

Painel II - Viver da fronteira: economias possíveis, entre culturas de orla, processos patrimonialização e turistificação

14.00 - César Rina (*Universidad de Extremadura*), "Levantar ou derrubar a fronteira? A articulação do espaço peninsular no séc. XIX".

14.20 - Paula Godinho (IHC e NOVA FCSH), "Estratégias possíveis e a fronteira como recurso: contrabando, velhos quotidianos e novas modalidades emblematizantes".

14.40 – João Baía (ICS - Universidade de Lisboa), "(I)mobilidades e transformações das redes transfronteiriças numa zona raiana".

15.00 – Iva Pires (Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, NOVA FCSH), "Viver a Fronteira: Mobilidade da mão-de-obra na Euroregião Galícia-Norte de Portugal".

15.20 – Luís Cunha (Universidade do Minho), "O local e o global: a memória da fronteira e a sua patrimonialização".

15.40 - Javier Hernández-Ramírez (*Universidad de Sevilla*), "Turismo, gobernanza y patrimonialización de la frontera en el Bajo Guadiana".

16.00 - Debate

16.20 – Pausa / Café

17.00 – Conferência: María Lois (*Universidad Complutense de Madrid*), "Patrimonio, turismo, gastronomía y folclore: la cooperación transfronteriza como política escalar en la Raya hispano-portuguesa".

17. 40 – Debate

18.00 – Encerramento

16 de Março – Sala Multiusos 2 (Edifício ID)

Painel III - Topografias do poder

- 09.30 - Enrique Varela Álvarez (*Universidad de Vigo*), “La frontera en el centro de la posverdad política”.
- 10.00 - Aitzpea Leizaola: (*Universidad del País Vasco UPV/EHU*), “La frontera como lugar de materialización del Estado-nación. El caso de la frontera hispano francesa en el País Vasco”.
- 10.20 – Rui Mateus Pereira (IHC e NOVA FCSH), “Fronteiras Coloniais e Etnicidade: resistência e nacionalismo”.
- 10.40 – Cristina Santinho (CRIA - Centro em Rede de Investigação em Antropologia, ISCTE-IUL), “Os refugiados ‘retomados’. Cruzando fronteiras de despertença”.
- 11.00 – María García (UNED - *Universidad Nacional de Educación a Distancia*), “Refundaciones transfronterizas del partido comunista en el exilio. España-Portugal, 1940”.
- 11.20 – Debate
- 11.40 – Pausa / Café

- 12.00 - Conferência: José María Valcuende del Río (*Universidad Pablo de Olavide*), “Frentes de expansión y fronteras externas en la Amazonia peruana”.
- 12.40 – Debate

13.00 - Almoço

Painel IV: A fronteira que se escreve

- 14.00 – Heriberto Cairo (coord.): [*Rayanos e Forasteros. Fronterización e Identidades en el Límite Hispano-Portugués*](#). Madrid: Plaza y Valdés, 2018.
- 14.20 - Paula Godinho: [*O Futuro é para Sempre. Experiência, expectativa e práticas possíveis*](#), Lisboa: Letra Livre, 2017.
- 14.40 - César Rina Simón (Ed.): [*Procesos de nacionalización e identidades en la península ibérica*](#). Cáceres: Universidad de Extremadura, 2017. eBook / Online.
- 15.00 - María Lois: [*Construir Galicia\(s\): lugar, elecciones y política nacionalista*](#). Trama Editorial, 2016.
- 15.20 - Enrique José Varela Álvarez e Celso Cancela Outeda (coords.): [*Las Fronteras ante sus Espejos. Relatos Transfronterizos sobre Europa, América y el Magreb*](#). Andavira, 2016.
- 15.40 - Luís Silva: [*Identidade Nacional. Práticas e Representações Junto à Fronteira no Guadiana*](#). Lisboa: ICS, 2016.
- 16.00 – Dulce Simões: [*A Guerra de Espanha na Raia Luso-Espanhola: resistências, solidariedades e usos da memória*](#), Lisboa: Edições Colibri, 2016.
- 16.20 - María Victoria Navas: [*O Barranquenho Língua, Cultura e Tradição*](#). Lisboa: Colibri, 2017.

16.40 – Pausa / Café

17.00 – Dulce Simões (INET-md, NOVA FCSH), “Práticas musicais transfronteiriças na raia do Baixo Alentejo”.

17. 20 - Actuação do Grupo Instrumental e Coral do Núcleo dos Amigos do Concelho de Barrancos.

18.00 - Encerramento

Colaboração da Editora Colibri com banca de venda de livros

RESUMOS

Xosé Afonso Álvarez (Universidad de Alcalá), “Cultura raiana: uma visão desde a documentação linguística”

O projeto *Frontera hispano-portuguesa: documentación lingüística y bibliográfica* (FRONTESPO) tem como objetivo prioritário documentar e estudar a extraordinária diversidade linguística da fronteira, que constitui um importante traço identitário das comunidades raianas. É habitual, por exemplo, a alternância e a mistura de línguas dependendo da nacionalidade do interlocutor. Por outro lado, o conflito entre centros e periferias tantas vezes referido nos estudos fronteiriços tem também um reflexo linguístico, a tensão entre a língua tradicional da comunidade e a língua padrão, que penetra na anterior e a transforma: alfabetização, meios de comunicação de massa, emigração para as cidades, etc. O objetivo desta apresentação é mostrar diferentes tipologias de informação obtida durante a recolha do corpus oral, que podem ser de utilidade para o conhecimento das culturas de raia e a relação entre as comunidades que habitam esse território, tales como: juízos sobre a língua falada na localidade e o grau de diferenciação com as variedades doutros territórios fronteiriços. A vitalidade da língua própria; informações sobre diversos tipos de mobilidade transfronteiriça, antigamente e no momento presente (contrabando, comércio, bailes e festas, etc.); a experiência da fronteira que tem a comunidade: as relações com as forças de segurança, o seu papel como limite do poder estatal, etc.

Fernando Brissos (Universidade de Lisboa), “Fronteira política e história da língua: o caso do sueste da Beira / noroeste da Extremadura espanhola”

O caráter extremo ou periférico das fronteiras não é apenas um fator intrínseco à sua qualidade, mas também causa da forma como têm sido abordadas nos estudos de variação linguística: frequentemente colocadas em segundo plano (ou em nenhum plano). Esta comunicação tratará de um *case study* que permite advogar o contrário: os dialetos portugueses do sueste da Beira (área fronteiriça do distrito de Castelo Branco) e a sua relação com os dialetos espanhóis confinantes (noroeste da Extremadura). Veremos, através do estudo detalhado de duas áreas dialetais notavelmente periféricas, como uma fronteira política, mesmo que relativa e esbatida pelo contacto constante entre os povos de ambos os limites, não deixa de ter consequências linguísticas importantes e consolidadas ao longo do seu período de vigência; de facto, tal como qualquer outra construção humana, uma fronteira não tem menos valor por ser artificial. Mostraremos igualmente que é possível extrair do estudo referido consequências diretas para a resolução de alguns problemas basilares da formação da língua portuguesa no centro-sul do país, ou, por outras palavras, como ter em consideração zonas linguísticas que fogem às principais correntes de inovação pode ser não só interessante mas também decisivo para a explicação histórica da língua.

Juan M. Carrasco González (Universidad de Extremadura), “Variedades fronteiriças entre Espanha e Portugal”

A fronteira favoreceu o nascimento de variedades linguísticas que apareciam e desapareciam acompanhando as vicissitudes da sua própria formação histórica. Pelo contrário, especialmente nos últimos 150 anos (mas não só), a construção identitária dos estados (com o ensino obrigatório, os meios de comunicação social sediados nas grandes cidades, a propaganda, etc.) trabalhou até aos últimos limites do país para conseguir a maior uniformidade de toda a população segundo os preceitos da língua padrão. Também as exigências dos nossos dias, em que já não é

possível uma vida isolada nas aldeias, fazem com que as pessoas precisem de dominar a língua comum. Esta comunicação, em que se faz uma revisão de todas as variedades linguísticas na fronteira entre Espanha e Portugal, tem o propósito de levar a cabo uma descrição das condições históricas em que surgiram e da situação atual destes falares.

Maria Filomena Gonçalves (CIDEHUS - Universidade de Évora) e María Victoria Navas (Universidad Complutense de Madrid e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), "O barranquenho, língua de contacto: caracterização e problemas actuais"

O barranquenho, língua oral falada em Barrancos (distrito de Beja), é o resultado do contacto entre o português e o espanhol, numa comunidade mista, isolada junto à fronteira. Classificado em 2008 como Património Cultural Imaterial de Interesse Municipal, em 2012 foi alvo do projecto Preservação e Valorização do Barranquenho, que se destinava a salvaguardar e estudar uma das maiores riquezas da comunidade barranquenha, mas não chegou à fase de execução. Em Junho de 2017, realizou-se o Congresso Internacional O barranquenho: ponte entre línguas e culturas, passado, presente e futuro, evento científico que reuniu, em Barrancos, pela primeira vez na história do Barranquenho, alguns dos maiores investigadores na área de contacto entre línguas e línguas mistas. Em sintonia com as recomendações da UNESCO em matéria de línguas minoritárias e línguas ameaçadas, o Congresso visava promover o estudo do Barranquenho como património imaterial, único, em contexto europeu. Nesta ocasião, trataremos dos problemas com os quais se confrontam os barranquenhos e as autoridades locais para recuperarem uma língua que é "menorizada" face ao português, língua à qual atribuem um "estatuto superior".

Conferência: Heriberto Cairo Carou (Universidad Complutense de Madrid), "Procesos de identificación y transfronterización en la raya ibérica"

En la conformación de las fronteras confluyen dos estrategias no necesariamente coincidentes. Por un lado, la estrategia de los propios Estados, para los que la frontera, además de su carácter político-militar, tiene una importante significación simbólica, tanto en la reproducción de los modelos de identificación nacional, como en la justificación de la existencia de los mecanismos de defensa/protección/represión, tres aspectos que van unidos de una forma necesaria. Pero junto a las estrategias de los centros de poder actúan también las estrategias de las propias poblaciones que viven en la frontera y que, a lo largo del tiempo, aprendieron a instrumentalizar esa posición fronteriza. De esta forma, se analizan en la raya dos lógicas de acción y relación, que en ocasiones son coincidentes y en otras están confrontadas.

Cesar Rina (Universidad de Extremadura), "Levantar ou derrubar a fronteira? A articulação do espaço peninsular no séc. XIX"

No século XIX, partilharam o espaço público peninsular duas visões confrontadas e/ou complementarias de perceber a fronteira. Num caso, as expectativas iberistas que, apoiadas nos estudos geográficos e viagens de reconhecimento, questionaram a existência duma fronteira natural entre Portugal e a Espanha, interpretada como uma construção monárquica, resultado de contingências históricas. No outro, os avances nos processo de nacionalização e territorialização dos estados, que junto as novas inquietudes cartográficas, motivaram o interesse

crescente por delimitar com precisão a fronteira, com o objetivo de implementar a soberania sobre o território e controlar as práticas raianas.

Paula Godinho (IHC – NOVA FCSH), “Estratégias possíveis e a fronteira como recurso: contrabando, velhos quotidianos e novas modalidades emblematizantes”

Há um tempo elástico entre a fronteira útil, que permitiu ganhar a vida e salvar a vida, quer num tempo longo, quer em momentos funestos da história, e a fronteira fútil, remetida para o domínio da celebração e do aproveitamento turístico. Com base num trabalho de campo na zona de fronteira entre o norte de Portugal e a Galiza, pretendo interrogar a fronteira como espaço de possibilidades dilatadas, um recurso acrescido na vida dos raianos, e discutir as potencialidades de uma zona entendida como «periferia» a partir dos centros.

João Baía (ICS-UL; IHC – NOVA FCSH), “(I)mobilidades e transformações das redes transfronteiriças numa zona raiana”

As redes transfronteiriças perderam importância e densidade na zona fronteiriça que divide Portugal e Espanha entre Bragança e Puebla de Sanábria. Recorrendo a uma etnografia em retrospectiva, que conciliou a realização de trabalho de campo nessa zona, entrevistas semidirectivas a moradores da aldeia de Montesinho com trabalho de arquivo, tentando encontrar pistas que pudessem confirmar, complementar ou contrariar as narrativas orais. Realizaram-se algumas entrevistas nas aldeias vizinhas de um lado e do outro da fronteira e entrevistaram-se pessoas que emigraram, que não emigraram e pessoas que realizaram migrações internas. Múltiplas causas e factores conduziram à emigração massiva de um lado e do outro da fronteira, conduzindo ao enfraquecimento das redes sociais transfronteiriças. Porém, elas continuaram, tomando novas formas num contexto de transição em que alguns emigrantes e migrantes internos retornaram para a aldeia e juntamente com os que não emigraram ou que tiveram experiências migratórias mais curtas mantiveram alguma actividade associativa, agrícola, religiosa. Apesar da interrupção da parte menos religiosa durante um ano, conseguiram que a festa de Santo António, repetida em Agosto para os emigrantes que vinham nesse mês pudessem participar, se voltasse a realizar nas suas diversas componentes. O nome da empresa “Sons do futuro”, detentora das carrinhas de som que trazem as bandas acompanhadas por altos decibéis que voltaram espalhar-se pelas serras e vales entre Puebla de Sanábria e Bragança, convida a reflectir sobre o que irá acontecer a este vasto território fronteiriço na próxima década, quando esta geração que resiste (mantendo agricultura para complementar outro tipo de rendimentos e gerindo bens comuns e procurando manter tradições que constituem pontos de encontro entre os que ficaram, os que voltaram e os que retornam pontualmente na semana da festa de Santo António celebrada em Agosto) e envelhece na aldeia não vê gerações mais novas a chegar e a estabelecer-se, nem há grandes esperanças que isso venha a acontecer no futuro.

Iva Pires (CICS.NOVA), “Viver a Fronteira: Mobilidade da mão-de-obra na Euroregião Galícia-Norte de Portugal”

A partir de um relatório sobre o mercado laboral na Euroregião Galícia-Norte de Portugal e de um conjunto de entrevistas realizadas com trabalhadores transfronteiriços pretende-se perceber a forma como a fronteira é

“vívada”, que tipo de barreiras experimentam estes trabalhadores e o que dificulta a criação de um mercado laboral integrado nesta Euroregião. A abordagem teórica combina o modelo clássico “push-pull” de migrações, que explica como a interação transfronteiriça se alimenta das desigualdades, sobretudo económicas, entre os territórios e o conceito de *(un)familiarity* para explicar os diferentes níveis de disposição dos portugueses para se deslocarem para a Galiza e dos galegos para o Norte de Portugal. As principais conclusões apontam para uma segmentação clara do mercado de trabalho e para a fronteira parecer representar uma barreira mais difícil de transpor para os galegos; o recente dinamismo económico da Galiza proporcionou emprego, rendimentos e um bom nível de vida e assim só se mostram disponíveis para deixar a sua “zona de conforto” e atravessar a fronteira no caso de ofertas de emprego qualificado. Inversamente, no Norte de Portugal a crise económica conduziu ao encerramento de empresas e a um maior desemprego e criam um sentimento de “desconforto” que, associado a fatores de atração (a atratividade da Galiza devido ao seu desenvolvimento económico e a proximidade geográfica), facilitam a decisão de procurar emprego no outro lado da fronteira.

Luís Cunha (Universidade do Minho), “O local e o global: a memória da fronteira e a sua patrimonialização”

Numa sociedade fechada, consideravelmente estratificada mas sem mobilidade social, como foi o caso de Portugal durante muitas décadas, o contrabando revelou-se um dos poucos recursos disponíveis capazes de permitir alguma mobilidade social. Sendo um fenómeno essencialmente local, esta economia paralela desempenhou um papel fundamental no quotidiano das comunidades, continuando a ser importante ainda hoje, ainda que de forma distinta. Em torno das «estórias do contrabando» desenham-se valores e critérios éticos, sinalizam-se desigualdades e formas práticas de as combater. O sucesso e o fracasso, a moderação e o excesso, tal como o estratega e o aventureiro, o guarda solidário e o ganancioso, fazem parte de uma galeria de personagens e situações que continua sendo ativada, reinterpretada e reajustada no presente. Uma das expressões da vitalidade dessa memória partilhada remete para os processos de patrimonialização, território ambíguo, e por isso mesmo sugestivo, na medida em que se sustenta na comunidade mas a supera. É ainda de um recurso que se fala, mas agora atravessado, de uma forma distinta relativamente ao passado, por dinâmicas globais, que tanto produzem narrativas vinculativas, nomeadamente em torno da «patrimonialização» e da «turistificação», como desviam o sentido dos fluxos para fora da comunidade. As fronteiras são, por isso, um espaço que importa visitar e redescobrir por uma etnografia capaz de lidar com diferentes escalas, combinando local e global de forma crítica.

Javier Hernández-Ramírez (Universidad de Sevilla), "Turismo, gobernanza y patrimonialización de la frontera en el Bajo Guadiana"

Las investigaciones que centran su atención sobre la gobernanza transfronteriza en destinos turísticos suelen coincidir en que existen limitaciones objetivas para que se desarrolle una cooperación efectiva capaz de articular el hecho fronterizo. No obstante, la puesta en valor de la frontera como atractivo turístico puede generar nuevas dinámicas en las relaciones transfronterizas. En la comunicación se presentan los resultados de una etnografía realizada en Alcoutim y Sanlúcar de Guadiana, dos localidades fronterizas y ribereñas del Bajo Guadiana luso-hispano. Se destacan las causas que explican la débil institucionalización de la gobernanza transfronteriza y se analizan los procesos de patrimonialización de la frontera, así como la incipiente cooperación que desencadenan.

Conferência: María Dolores Lois Barrio (Universidad Complutense de Madrid), “Patrimonio, turismo, gastronomía y folclore: la cooperación transfronteriza como política escalar en la Raya hispano-portuguesa”

Esta intervención parte de la idea de que la planificación, supervisión y exhibición del patrimonio es un acto definitivamente político-territorial, al habilitar escalas espaciales para el reconocimiento, negociación o disputa de identidades y representaciones de una comunidad. A partir de un acercamiento a las políticas de cooperación transfronteriza de la Unión Europea en el caso de la Raya, y al hilo de investigaciones previas, el objetivo es mostrar como la patrimonialización de la frontera -en este caso en la región de la Beira Interior Norte (Po) y Salamanca (Es)- está relacionada con narrativas, experiencias e imaginaciones geográficas paradójicas. En otras palabras, la frontera se convierte en un espacio de sincretismo representacional, donde las autoridades estatales y regionales, los grupos de acción local, la industria del turismo y otros actores de las iniciativas financiadas por la UE reinterpretan, olvidan, reevalúan y negocian la dimensión escalar del significado fronterizo. A través de la revisión de algunas narrativas textuales y visuales, abordaremos las geografías políticas del patrimonio proyectadas desde las políticas e instituciones de gobernanza transfronteriza, para proponer una lectura la cooperación transfronteriza política de la UE como política escalar.

Enrique Varela Álvarez (Universidad de Vigo), “La frontera en el centro de la posverdad política”

¿Es posible que aquello que se considera periferia se pueda convertir en centro? ¿Hay una periferia-frontera o muchas? ¿De cuantos centros son periferias las fronteras globales? ¿Son todas las periferias-fronteras iguales? ¿la Norte o la Sur de México? ¿la de España con Portugal o Francia? ¿Qué tipo de periferias (territoriales, económicas, sociales, culturales, políticas)? En el caso de España, ¿sus periferias-fronteras interiores o exteriores de la Unión Europea?, ¿las insulares de Canarias, las continentales de Andorra, Gibraltar, Tui-Valença o las africanas de Ceuta y Melilla? Palabras, nada más que conceptos centro-periferia que el poder y sus narrativas, retóricas y lenguajes (Lakoff, 2010) han creado y (re)creado de manera performativa. Representaciones (Mayard, 2017) de un poder cada vez más “hetero” (geneo, doxo) ... pero poder político a fin de cuentas. Sin lugar a dudas, la posverdad política (Keyes, 2004; Higgins, 2016; Peters, 2017; Sismondo, 2017; Rorty, 1997), facilita el cambio de paradigmas, los modelos de gobernanza del poder, e incluso de aquellos cleveages que parecían inamovibles en los sistemas democráticos socioliberales fundados en el siglo XX. La propuesta de esta breve presentación pasa por plantear una serie de preguntas politológicas que nos permitan (re)crear una gobernanza crítica y periférica (¿fronteriza?), al estilo de la “filosofía de la liberación” (Dussel, 2015), que más allá del epíteto nos permita situar a las fronteras en el centro de este nuevo mundo antropocénico que nos toca vivir.

Aitzpea Leizaola (Universidad del País Vasco UPV/EHU), “La frontera como lugar de materialización del Estado-nación. El caso de la frontera hispano francesa en el País Vasco”

Históricamente, la frontera es indisociable del Estado-nación. Su evolución es un reflejo de importantes transformaciones que acompañan movimientos que desde las ciencias sociales se han considerado significativos en tanto en cuanto ponen en cuestión la relevancia del Estado nación, tanto desde arriba -como es el caso de los procesos de convergencia supra-estatales-, o desde abajo – como es caso de los movimientos independentistas que

aspiran a dotarse de fronteras territoriales propias. No todas las fronteras son iguales. En el contexto actual, las políticas de convergencia del espacio europeo acrecientan las diferencias entre las fronteras internas de la UE, en principio opacas y aparentemente desactivadas- y las fronteras externas, prácticamente infranqueables de la Europa fortaleza. Sin embargo, la observación detallada de la frontera internacional en el País Vasco pone de manifiesto las contradicciones inherentes en esta lectura. A través de ejemplos etnográficos concretos trataremos de analizar cómo en las últimas décadas en el País Vasco la frontera reactiva los significados ‘clásicos’ del límite del Estado-nación, convirtiéndose en un lugar de materialización del Estado.

Rui Mateus Pereira (IHC – NOVA FCSH), “Fronteiras Coloniais e Etnicidade: resistência e nacionalismo”

Uma espécie de sobressalto científico ocorreu nos designados “estudos africanos” há pouco mais de 30 anos, quando os mais conceituados historiadores de África da altura, numa afirmação assertivamente pós-colonial, sustentaram que na África subsaariana o conceito de etnia teria sido criado principalmente por via do domínio colonial europeu e seria uma noção totalmente artificial. Elikia M’Bokolo, Terence Ranger, Jean-Loup Amselle, Leroy Vail, Eric Hobsbawm, para citar apenas os mais reconhecidos, publicariam recorrentemente por toda a década de 80 textos em que se realçava, no título ou no subtítulo, “a invenção da etnicidade”. Nalguns casos pouco mais de uma década tinha passado sobre o texto seminal de Frederick Barth, “Ethnic Groups and Boundaries” (1969), em que a etnicidade tinha sido apresentada como fundamental à organização social, resultado de uma autoatribuição dialética, não apenas com o interior do grupo, mas sobretudo com o exterior.

O supremo paradoxo assentou no facto de enquanto os “estudos europeus” descobriam a etnicidade, os “estudos africanos” decretavam o fim das etnias. Todavia, situações de fronteira em contexto colonial, tal como atualmente as podemos encarar, demonstram: 1. As fronteiras coloniais não só seccionaram etnias, mas também, em alguns casos, sedimentaram identidades étnicas; 2. E que não poucas vezes identidades étnicas foram, em alguns contextos, vetores de catalisação da resistência e esta proporcionou consciência nacional.

Cristina Santinho (CRIA - Centro em Rede de Investigação em Antropologia; ISCTE-IUL), "Os refugiados ‘retomados’. Cruzando fronteiras de despartença"

As novas fronteiras, o deserto, o Mediterrâneo, os arames farpados estão agora disfarçados em regras administrativas, documentos assinados e ordens imperativas ditadas pelas instituições que têm como função “gerir” os refugiados. Frequentemente damo-nos conta, através dos meios de comunicação social, que apesar da aparente generosidade do Estado português, que determinou a disponibilidade para acolhermos 10 mil refugiados, são apenas cerca de 1 500 os que recebemos até agora e, destes, 40% saíram de Portugal rumo a outros países europeus. Contudo, existem mecanismos internacionais, impostos pelos sistemas de asilo e fronteiras, que detetam o paradeiro destes refugiados e que os remetem obrigatoriamente para Portugal. São os chamados refugiados “retomados”. A identificação através de categorização (Dubois, 2010) força os refugiados a olhar para a sua própria vida, como nunca antes o haviam feito, atribuindo-lhes um lugar no mundo com o qual não se identificam. Um lugar geográfico — na periferia — e social, neste caso, subalterno, dependente, sujeito a controlo político e administrativo. Desafiar essas categorias impostas é perder: perder o estatuto legal, perder a protecção social, perder os referentes sociais.

María García (UNED - Universidad Nacional de Educación a Distancia), “Refundaciones transfronterizas del partido comunista en el exilio. España-Portugal, 1940”

Poco tiempo después de la finalización de la Guerra Civil española, el Partido Comunista español pretendió refundarse en Portugal en los años 40. La porosa y complicada frontera entre los dos países de la Península Ibérica se convirtió en el punto de unión entre un grupo multinacional compuesto por personas de distintas ideologías de izquierdas mexicanos, cubanos, españoles y portugueses, especialmente anarquistas y comunistas, que se alían para realizar labores de propaganda. Conocedores de este complot, la policía secreta española y portuguesa realizó también su propia alianza que acabará con la desarticulación total de la conspiración y con la cárcel o la muerte de sus participantes.

Conferência: José María Valcuende del Río (Universidad Pablo de Olavide), “Frentes de expansión y fronteras externas en la Amazonia peruana”

La naturalización del espacio y de las poblaciones amazónicas ha estado en la base de diferentes procesos de ocupación a partir de los que se han consolidado las fronteras nacionales al mismo tiempo que se han ido transformando las fronteras internas en la Amazonia. En esta conferencia analizaremos la articulación entre frentes de expansión, fronteras externas e internas a partir de las investigaciones realizadas en la triple frontera Brasil, Perú y Bolivia, en la región amazónica de Madre de Dios en Perú.

Dulce Simões (INET-md – NOVA FCSH), “Práticas musicais transfronteiriças na raia do Baixo Alentejo”

Os estudos musicais transfronteiriços mostram-nos de que forma a fronteira significativa se reinventa musicalmente como fronteira resignificada, enquanto membrana atravessada osmoticamente por fenómenos musicais de ambos os lados. Diversos autores realçam a fusão de tradições musicais como uma poderosa fonte de criatividade, com as quais as pessoas negociam e constroem identidades em função de necessidades do presente e expectativas futuras. As práticas musicais fazem parte da cultura das comunidades e devem ser observadas como criadoras de uma série infinita de deslocamentos no tempo e no espaço, que entrelaçam modelos internos acessíveis aos sentidos e interpretações, e modelos externos que tanto geram perdas como inovações. Esta comunicação questiona as práticas musicais transfronteiriças na articulação entre memória coletiva e processos de patrimonialização, atendendo à participação de diversos intérpretes em contextos de representação que constroem um passado comum, ritual e convivencial.

Grupo Instrumental e Coral do Núcleo dos Amigos do Concelho de Barrancos

O grupo coordenado por José Manuel Gavino foi fundado em Março de 2015 por homens e mulheres de diferentes faixas etárias naturais de Barrancos e residentes nos arredores de Lisboa, que criaram um repertório musical representativo da cultura raiana. O repertório é constituído por modas alentejanas, e por canções em dialeto barranquenho e castelhano associadas a contextos festivos da comunidade de origem. O grupo tem atuado no

Convívio Anual do Núcleo dos Amigos do Concelho de Barrancos, nas Festas em Honra de Nossa Sra. da Conceição em Barrancos, na Feira Internacional do Artesanato em Lisboa, nas Festas de Nossa Senhora de Porto Salvo e no XII Festival Intercultural da Falagueira, na Amadora.

Organização:

Instituto de História Contemporânea (IHC – NOVA FCSH)
Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md – NOVA FCSH)

Comissão organizadora:

Paula Godinho (IHC)
Dulce Simões (INET-md)
Maria Alice Samara (IHC)

Parcerias:

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa
Universidad de Alcalá
Universidad Complutense de Madrid
Universidad de Extremadura
Universidad Pablo de Olavide
Universidad de Sevilla
Universidad de Vigo
Universidad del País Vasco
UNED - *Universidad Nacional de Educación a Distancia*
CIDEHUS - Universidade de Évora
Universidade do Minho
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
Grupo Instrumental e Coral do Núcleo dos Amigos do Concelho de Barrancos
Edições Colibri
FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia